



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**O LAÇO FECUNDO: O ROMANCE DE IAIA GARCIA DE MACHADO DE ASSIS E O  
REALISMO.**

Maria de Fátima dos Santos Vitório Daniel

Rio de Janeiro  
2019

MARIA DE FÁTIMA DOS SANTOS VITÓRIO DANIEL

O LAÇO FECUNDO: O ROMANCE DE IAIA GARCIA DE MACHADO DE ASSIS E O  
REALISMO.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção do título de Licenciada  
em Letras na habilitação Português/Literatura.

Orientador: Godofredo Neto de Oliveira

RIO DE JANEIRO

2019

Daniel, Maria de Fátima dos Santos Vitório Daniel

O laço fecundo: o romance de Iaiá Garcia de Machado de Assis e o realismo / Maria de Fátima Daniel – Rio de Janeiro, 2019.  
38f.

Orientador: Godofredo Neto de Oliveira

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f.38

1. Romance. 2. Iaiá Garcia. 3. Realismo. 4. Machado de Assis. I. Daniel/Maria de Fátima. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2018. III. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para enfrentar todos os obstáculos que enfrentei ao longo dessa jornada e por me conceder o privilégio de chegar até aqui.

A minha família por me incentivar sempre, principalmente a minha mãe, meu suporte, que mesmo com pouco estudo deseja a mim voos altos e agradeço também por suas orações.

Ao meu marido Cassiano pelo seu amor, paciência e dedicação, sem você seria muito mais difícil e aos seus pais que contribuíram para que este trabalho se concretizasse.

Às minhas grandes amigas Daniele e Natália por apresentarem uma amizade sincera e por sempre terem uma palavra de apoio.

Ao meu orientador, pelo suporte, por sua disponibilidade e por seus incentivos.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação o meu muito obrigada.

## RESUMO

DANIEL, M. F. S. V O laço fecundo: o romance de Iaiá Garcia de Machado de Assis e o Realismo 2019. 38 f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

Investigaremos o realismo presente no romance Iaiá Garcia (1878) de Machado de Assis (1839-1908) através de suas personagens, já que estas são dominadas pela exterioridade e seus comportamentos são guiados pelos protocolos sociais, proporcionando a visibilidade das convenções sociais no final da década de sessenta a início da década setenta, onde se percebe uma sociedade baseada nos princípios paternalista e moralista, deixando também a mostra o grau altíssimo da complexidade que possuem dentro do romance. Os capítulos deste trabalho expõem o realismo presente neste romance através da análise de seus personagens, com a ajuda das literaturas de Roberto Schwarz (1977), Benedito Nunes (2009), Afrânio Coutinho (1959), e entre outros que contribuíram para que se atingisse o principal objetivo deste trabalho: comprovar a ambivalência literária construída por Machado de Assis em Iaiá Garcia.

Palavras-chave: Machado de Assis, Iaiá Garcia, realismo, convenções sociais, paternalismo.

## **ABSTRACT**

DANIEL, M. F. S. V The fecund bond: the novel by Iaiá Garcia de Machado de Assis and REALISMO 2019. 38 f. Monography (Undergraduate Degree in Letters in Portuguese / Literature qualification) - Federal University of Rio de Janeiro, 2019.

We will investigate the realism present in the novel *Iaiá Garcia* (1878) by Machado de Assis (1839-1908) through their characters, since these are dominated by exteriority and their behaviors are guided by social protocols, providing the visibility of social conventions at the end of from the sixties to the beginning of the seventies, where one perceives a society based on paternalistic and moralistic principles, leaving also, shows the very high degree of complexity that they possess within the novel. The chapters of this work expose the realism present in this novel through the analysis of its characters, with the help of the literatures of Roberto Schwarz (1977), Benedito Nunes (2009), Afrânio Coutinho (1959), and among others that contributed to reach the main objective of this work: to prove the literary ambivalence built by Machado de Assis in *Iaiá Garcia*.

Keywords: Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, realism, social conventions, paternalism.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. O LAÇO FECUNDO.....</b>	<b>11</b>
<b>3. SINHÁ-MOÇA: IAIÁ GARCIA .....</b>	<b>15</b>
<b>3.1. ESCRAVO E FELIZ: RAIMUNDO.....</b>	<b>17</b>
<b>4. TAREFA COMPLEXA DE NARRAR .....</b>	<b>19</b>
<b>5. JORGE E SR ANTUNES: O CONTRASTE SIGNIFICATIVO.....</b>	<b>21</b>
<b>6. ESTELA E EULÁLIA: O VERSO E O AVESSEO .....</b>	<b>23</b>
<b>6.1 ESTELA: DIÓGENES FEMININO .....</b>	<b>26</b>
<b>7. VALÉRIA: PERSONAGEM MatriARCAL.....</b>	<b>28</b>
<b>8. LINA GARCIA.....</b>	<b>30</b>
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>38</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aprecia o romance *Iaiá Garcia* de Machado de Assis este romance em questão é considerado como a melhor obra de sua “fase romântica”, *Iaiá Garcia* foi o quarto romance dos nove publicados pelo autor. A narrativa conta a história de Estela, uma das mulheres de caráter forte, subjugada por Valéria Gomes que lhe tem como dama de companhia, ao agregar-se a casa da família Gomes, ela apaixona-se por Jorge, filho de Valéria; a partir desse momento o enredo confere diversos pontos essenciais capazes de ressaltar o advento do realismo nos romances machadiano, embora alguns confirmem que sua primeira obra realista seja o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* publicado logo após (1881).

Antemão, pode-se destacar que o romance *Iaiá Garcia* não só é composto por aspectos românticos, mas também por aspectos realistas, mesmo que de forma sucinta percebe-se que esta faísca de realismo é responsável por diferenciar este romance dos demais. Nota-se que há uma ruptura na estrutura romanesca tradicional, visto que Machado de Assis debruça-se sobre o contorno humano e observa de perto a sociedade em que vive e suas regras internas, as que circundam sobre as atitudes individuais e coletivas, a saber, as personagens são representações sociais, capazes darem maior visibilidade a verossimilhança e ao teor psicológico deste romance bifronte.

Desse modo observa-se o perigo de dividir as obras de um autor por fases, aliás, não é uma forma justa de analisar seu trabalho ficcional, de modo que o artista possui a liberdade criadora de engendrar as formas possíveis inerentes a sua sensibilidade criadora. Quando se afirma que a primeira fase do autor é puramente romântica, anula-se a possibilidade de existir outras formas incorporadas nas estruturas dos romances publicados, por exemplo, a obra analisada neste trabalho; ela está dentro do conjunto de obras românticas, mas como dito anteriormente, ela possui aspectos realistas capazes de desfazer o enquadramento em caixas específicas. Conforme aponta Anatol Rosenfeld, em *o teatro épico* (2006): “a pureza em matéria de literatura não é necessariamente um valor positivo. Ademais, não existe pureza de gênero em sentido absoluto”.

Numa ampla literatura sobre Machado de Assis, apropriou-se de autores como Roberto Schwarz, em *ao vencedor as batatas* (1977), pois traz uma reflexão inteligentíssima sobre a emergência da prosa de ficção de Machado de Assis, destacando a forma literária e o processo social nos inícios do romance brasileiro. Roberto Schwarz assinala diversos pontos críticos em relação à obra analisada neste trabalho, pois refletiu sobre os caminhos tomados e as



experiências vividas por Machado de Assis. Destacando em primeiro lugar, porque deu atenção minuciosa a forma machadiana. Dessa forma, neste trabalho, adotou-se a perspectiva filosófica da literatura, em outras palavras, o reflexo social na literatura, bem como os fatos históricos.

Optou-se por Benedito Nunes, *A clave do poético* (2009), já que o autor sempre privilegia o diálogo entre a linguagem poética e especulação filosófica, este ocupa uma posição ímpar no contexto da crítica literária brasileira. Na segunda parte deste livro o autor aborda a historiografia do romance brasileiro e as heterogêneas vertentes da crítica social; destacando o fato de Machado de Assis apresentar sensibilidade de observação da persona, esta visão é de muita valia para a pesquisa das personagens como representações sociais. Além disso, traz uma análise sobre o olhar do narrador machadiano, o que expõe o estudo sobre os jogos narrativos capazes de introduzir a verossimilhança ao romance analisado.

E, também foi utilizado como base de estudos a *Coleção Escritores Brasileiros, Antologia e estudos* (1982), que conta com as análises de Alfredo Bosi, José Carlos Garbuglio, Mario Curvello e Valentim Facioli, com a participação especial de Antônio Callado, Luiz Roncari, Roberto Schwarz e Sonia Brayner. Todos os autores em questão trazem uma reflexão crítica sobre Machado de Assis, evidenciando os pontos essenciais sobre seus romances e, também problematizando os pontos como, personagens, linguagem política e sociedade.

O foco do trabalho será investigar os pontos que remetem o realismo presente na narrativa, será analisada a configuração das personagens principais, a fim de atribuir maior visibilidade aos pontos que tornam o romance em questão, não apenas como um romance “romântico”, mas sim como um romance realista. Tendo em vista que o movimento realista tem como principal característica abordar temas sociais e um tratamento objetivo da realidade do ser humano.

Pretende-se ainda, neste trabalho, investigar também presença do narrador na 3ª pessoa que é um fator determinante para favorecer a verossimilhança e a motivação psicológica. Pois ele mergulha no íntimo das personagens e narra suas ações diante de questões sociais e pessoais de forma imparcial, deixando aos leitores o papel de criticar todas as ações que ocorrem na trama. Desiludindo as expectativas e neutralizando as possibilidades românticas, bem como aponta Ronaldo de Melo e Souza em o romance tragicômico de Machado de Assis (2006).

Percebemos a dissimulação dos sentimentos e o cair das máscaras de cada personagem. No romance eles são vitrines da crítica social feita àquela sociedade, ademais,

expõem com suas atitudes os problemas sociais daquela época e através dessas figuras, vislumbramos a realidade social. Neste sentido, verificaremos que o amor não é quem dita às regras dos relacionamentos. Então nota-se a comprovação principal deste trabalho: o romance é envolvido por características realistas. Por isso, os capítulos deste trabalho têm como objetivo principal a comprovação da tese defendida neste trabalho através da descrição dos personagens principais, pois eles são responsáveis pela porção de realidade contida no romance Iaiá Garcia.

## 2. O LAÇO FECUNDO

O ficcionista sente pensando e pensa sentindo, nesta ação simultânea o ficcionista Machado de Assis manipula a subjetividade e a interioridade por meio do romance Iaiá Garcia. No romance em questão o autor nos apresenta um olhar apurado sobre a tipologia nacional da época em que se passa à narrativa, traçando um contorno do humano, especificando suas ações subjetivas e coletivas. Tal destreza de pensar e sentir traz um foco reflexivo sobre a “persona”— “a pessoa feita em personagem ou a personagem traduzível em pessoa”,<sup>1</sup> desta forma suas personagens transparecem a substância social, justamente como afirma Luiz Roncari:

Simultaneamente, sem deixar o leitor da época e chocar-se com o fato de que era ele próprio e não outro que estava sendo ali representado, mais nas suas misérias do que nas suas virtudes, porém com essas misérias encobertas sempre por um véu de compreensão afetuosa, tendo as suas brutalidades apresentadas como se fossem peraltices de meninos traquinas. (RONCARI, 2003:100)

Podemos perceber que as figuras acrescentadas são puramente humanizadas capazes de refletir ações reais da época, elas são responsáveis do jogo reflexivo que fortifica a verossimilhança. Dito isto, notamos que romance Iaiá Garcia apresenta duas faces distintas que se entrelaçam para compor toda a narrativa, que não se prende ao teor romântico; revelando muito mais do que se espera de uma narrativa romântica. Metodicamente organizadas as personagens são representados no alto nível romântico, e os secundários são mais realistas.

E, está visível que o olhar sensivelmente apurado de Machado de Assis é capaz de vislumbrar as caricaturas e o cenário social do Rio de Janeiro a época imperial nos primórdios da República. Esta matéria social compõe toda a ficção mencionada, então podemos fazer um inventário e encaixar a esta narrativa as situações típicas, tipos de personas e os comportamentos, que são puramente representações de suas essências humanas, regidas por atitudes a serem tomadas em algumas situações cotidianas.

---

<sup>1</sup> Benedito Nunes. “A clave do poético”. Organização e apresentação Vitor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 275.

Está claro que, Machado de Assis ao seu tempo era um observador social que não deixaria escapar qualquer matéria social que lhe pousasse a vista. Dedicou-se a tarefa de observar e registrar todo documento humano aparente. “Machado de Assis deu-nos muito mais; por trás do tipo, iluminou-se a individualidade desamparada, ora inconsequente, ora conseqüente, agindo quase sempre para compensar o déficit da sua situação desajustada numa sociedade desigual, e raramente de maneira nobre e depreendida”.<sup>2</sup>

Durante a narrativa pode-se observar as representações de figuras prudentes e imprudentes ao decorrer dos fatos, lembrando que prudentes não se tratam de mocinhos e os imprudentes vilões, trata-se apenas de representações reais daquela sociedade sem nenhum julgamento, pois são expostos pelo narrador em 3º pessoa de forma imparcial e preciso. Cabendo aos leitores as devidas impressões e conclusões, pois se trata um jogo de contrastes que reafirmam as representações e autoconhecimento.

Nota-se que o leitor é levado a acreditar em um enredo romântico, pois o narrador estabelece esquemas triangular das relações amorosas (Luís Garcia, Estela e Jorge; Iaiá Garcia, Estela e Jorge e Jorge, Iaiá Garcia e Procópio Dias) e estas relações poderia construir uma estrutura romanesca tradicional. Porém são desconstruídas de forma irônica, com isso elas não se desenvolvem, desiludindo o leitor que espera as efetivações dessas relações. (SOUZA, Ronaldo de Melo 2006, p.102).

Portanto, a vida como ela é: sem maquiagem, sem final combinado e com imperfeições, exatamente isto que compõe este romance machadiano. Machado de certo é um grande gênio literato, que encaixa o realismo lado a lado ao romance; ele faz uma ligação do sonho com o real e a ficção com a verdade, pretendendo representar a trajetória humana, que é feita de sonho e realidade:

(...) ele existe sempre que o homem prefere deliberadamente encaixar os fatos, deixar que a vida dite a forma, e subordina os sonhos ao real. (COUTINHO, Afrânio: 1959 p.187).

Soma-se a isto a presença do narrador, que apresenta a veracidade de forma simplória, soprando no relato um jogo de palavras, um cruzamento de ideias e certa dualidade de sinônimos e antônimos que fazem um enlace perfeito; porém a capacidade de equiparar a vida cotidiana daquele dado momento fica a par do leitor. A narrativa percorre as camadas sociais e mostra cada ponto e cada situação que envolve os conflitos vividos por cada indivíduo

---

<sup>2</sup> Idem, p. 276.

representado, juntamente com seus conflitos sociais vividos. Do mesmo modo encontramos a definição de realismo por COUTINHO:

O realismo trata a vida contemporânea. Sua preocupação é com os homens e mulheres, emoções, temperamento, sucesso e fracassos da vida no momento. Esse senso de contemporâneo é essencial ao temperamento realista, do mesmo modo que o romântico se volta para o passado ou para o futuro. Ele encara o presente, nas minas, nos cortiços, nas cidades, nas fábricas, na política, nos negócios, nas relações conjugais, etc. Qualquer conflito do homem com seu ambiente ou circunstante é assunto para o realista (COUTINHO, Afrânio: 1959 p. 187).

Portanto, podemos examinar o romance como um relato verossímil, porquanto carrega uma fonte historiográfica daquela época, inserido naquele contexto social. Além disso, podemos constatar que o realismo exposto no enredo é justamente o espelhamento do organismo social. Os conflitos são regidos pelas transformações que ocorreram na sociedade brasileira do século XIX, dessa forma o que vemos é a interpretação consciente da história social e política do Brasil entre aproximadamente o final da década 60 e início da década de 70. O plano de fundo é uma sociedade colonial, escravista e patriarcal e os valores da vida burguesa exposta de forma bem irônica e crítica.

Desse modo, percebemos um diálogo da história com a literatura, pois as personagens representam e representar é apresentar outra vez, e isso só é possível porque o ficcionista é capaz de avessar o real, sendo assim a melhor forma de capturar o que ocorre ao seu redor, sua imaginação recria e descreve o que estamos acostumados a vermos no mundo real e, mesmo distorcido, o mundo real é representado. Dessa forma, depreendemos em Iaiá Garcia, um romance que não está preso ao teor romântico como já mencionado anteriormente, mas também nos surpreende com uma trama muito mais complexa do que os romances construídos com o clássico “final feliz”.

Mesmo que deparamos com os resíduos do real em um romance devemos nos atentar para o fato de que nele não há nenhum compromisso com o real. Isso quer dizer que, não é uma representação fidedigna, ainda que os personagens reflitam a substância social, precisamos nos atentar para o fato de que são imitações, ou mesmo meras representações dos

desajustes da vida que expõem as fissuras de suas ideologias. Diante disto, implica-se a necessidade de analisar interstícios da ordem e da ocorrência do patriarcalismo, mas, sobretudo o romance em questão tem a estrutura narrativa e sua linguagem voltada para análise da sociedade concreta e, inclui o posicionamento do homem modificado pelo social e pela história.

Assim, enxergamos em Iaiá Garcia um rasgar dos véus românticos que abafavam as deformações humanas, elevando as atitudes mais românticas possíveis, dando ao leitor uma garantia de um padrão já conhecido, desse modo não tinha como desiludir o leitor, ele ficava satisfeito, todavia em Iaiá Garcia os leitores ficam decepcionados com a ruptura romântica. Com o véu rasgado, o que se torna aparente é a modelagem de uma sociedade rígida do Império, contornada pelo patriarcalismo e o escravismo. Machado de Assis salpicou realismo e deu-nos um enredo repelente aos moldes ultrarromânticos.

### 3. SINHÁ-MOÇA: IAIÁ GARCIA

No mesmo item destacamos o regime escravocrata no Brasil, nas décadas de 60 em transição para 70. Logo no início, o narrador nos apresentando Luiz Garcia, descrito em um espaço singular de pura solidão e sossego, comparando sua existência a de um monge, contudo revela-nos o seu domínio e manipulação sobre o espaço ao redor, porém a dominação não cessa apenas aos objetos e ao decorrer das descrições deparamos com a seguinte afirmação: “E se o homem moldara as coisas ao seu jeito, não admira que moldasse também o homem”.<sup>3</sup> Não por coincidência, em seguida, vem à descrição de quem é Raimundo, o escravo, moldado expressamente para servir Luiz Garcia.

Raimundo, um preto de cinquenta anos, estatura mediana, forte apesar de sua idade, um tipo africano, submisso e dedicado. Mesmo sendo um escravo livre, foi moldado para servir, tão bem moldado, que parecia ter nascido para tal função, por seguinte observa-se um espelhamento entre as descrições: submisso/ dedicado, escravo livre/ feito expressamente para servir e impulso atrevido/generoso, com tal reflexo conseguimos apreender a crítica solta nas entrelinhas, em relação à situação de muitos escravos alforriados no período do Segundo Império no Brasil:

“Diante da escravidão, do movimento abolicionista e da abolição, Machado de Assis comportou-se como sempre fizera desde a mocidade: da denuncia ao entusiasmo. Denunciou a escravidão de inúmeras maneiras, mas especialmente procurou captar a organização ideológica que a mantinha, ainda quando já anacronicamente diante do avanço das relações capitalistas de produção no país [...] Para Machado de Assis a escravidão era uma situação social e econômica que transcendia o moralismo e as “normas” éticas [...]”. (Coleção de escritores brasileiros, antologias e estudos, 1982, p.49).

No dado momento, ao inserir a figura de Raimundo, o escravo livre, a obra põe em questão uma de fonte histórica que naquele tempo que talvez não tivesse tanto destaque. Com a presença do escravo alforriado mesmo que brevemente o enredo sublinha os marginalizados da história, pessoas que viviam à margem da sociedade, exercendo papéis secundários (os agregados da casa) e que viviam de favores; esta história social narrada em Iaiá Garcia nos faz

---

<sup>3</sup> Machado de Assis, Iaiá Garcia, 3ed. São Paulo: Martin Claret, 2013, p. 15.

lembrar a relação de poder exercida cotidianamente sobre os escravos, as mulheres, e todos que se encaixam nas minorias sociais.

Diante dessa questão o que é evidente é a história e a literatura narrando juntas a realidade, não de forma imitativa com figuras fictícias, mas sim narrando o que precisava ser revelado e compreendido. E de certo criticar o posicionamento daquela estrutura social. Como afirma Magalhães sobre o entrelaçamento da história com a literatura:

[...] o romance [...] estabelece, na modernidade, um vínculo inextrincável com a história. Ambos, história e romance [...] propõem-se a narrar. Narrar um acontecimento que teve, da perspectiva de quem escreveu, um lugar e uma data, com um início, um desenrolar e um fim, o qual, no entanto, não está morto ou acabado, mas que sempre outro horizonte de expectativas. Narrar a vida e feitos de indivíduos que, fictícios ou não, viram-se envolvidos com experiências que mudam seu percurso, inclusive, de seu interior. (MAGALHAES, 2006, p.4 APULD revista 2 uepg br, 2015, p.102).

Machado expressa tão fortemente o contexto escravista que intitula a obra como Iaiá Garcia, que vem a ser uma das personagens principais: Lina Garcia, filha de Luís Garcia. Iaiá era o tratamento que se dava as meninas e as moças nobres, este tratamento era muito usado no período de escravidão, sendo, pois, uma alteração ao termo sinhá. Iaiá era um nome doméstico de Lina Garcia, dessa forma Raimundo lhe chamava. Nota-se que existe uma normalidade na cena narrada, até mesmo na descrição dos relacionamentos, assim diz o narrador: quaisquer que fossem as diferenças civis e naturais entre os dois, as relações domésticas os tinham feito amigos. O autor afirma os problemas naturalizando-os, pois se trata de uma descrição puramente ambígua.



### 3.1. ESCRAVO E FELIZ: RAIMUNDO

O narrador estabelece uma ambiguidade entre as palavras escravo e livre, pois uma não existe junto à outra, noutras palavras a existência de uma anula a outra. Dentro da casa de Luiz Garcia, seu senhor, “havia lá dentro a melancolia da solidão”.<sup>4</sup> Ficando para Raimundo a tarefa de alegrar a casa na ausência da alegria da casa: Lina Garcia, filha de Luiz Garcia. O segundo ponto que notamos é que existe entre o senhor e o escravo uma relação de interesse pessoal, uma vez que Raimundo não tinha para onde ir, ficando jogado a sorte, e Luiz Garcia dependia da presença do escravo para lhe diminuir a solidão estabelecida com a vida e ele fazia parte da vida de seu senhor: “Raimundo foi dali em diante um como espírito externo de seu senhor; pensava por este e refletia-lhe o pensamento interior, em todas as suas ações, não menos silenciosas que pontuais”.<sup>5</sup>

E, a relação que existe entre ambos (senhores e trabalhadores livres) muda os nomes, mas a função permanece a mesma: os agregados da casa exerciam a tarefa de cuidar dos afazeres da casa, sem remuneração, ou seja, trabalho escravo, porém em troca (feudalismo) tinha um lar e comida. E estes não tinham lugar de voz, por isso Raimundo vivia como se fosse o espírito externo do seu senhor. Em COSTA encontramos a definição de quem são os agregados:

Os indivíduos que se incorporassem a domicílios já constituídos e que, por via de consequência, passassem a manter com os chefes dos mesmos um relacionamento de caráter pessoal que assumiu historicamente as mais diversas formas, excluídas a subordinação absoluta (escravismo) ou condicional (feudalismo) e, evidentemente, o assalariamento puro e simples. Também podiam passar a ser considerados agregados os que, embora já integrantes do domicílio, viessem a experimentar importante mudança de status; tomado, este último termo, em sua mais larga acepção. (COSTA, 1994, p. 1 APULD revista 2 uepg br, 2015, p.104).

Em suma, o que resta a Raimundo é a boa convivência, a estratégia para lidar com a situação sem saída é ficar, ainda mais, porque o escravo já tinha uma idade avançada e refazer a vida do nada seria muito difícil. E, ao dizer que ele era feliz não se trata de um exagero por completo, uma vez que desde pequeno pertencia a casa, ele foi herdado por Luiz Garcia e tinha por ele amor, amava-o como filho, apesar de ter nove anos de diferença de idade entre o

---

<sup>4</sup> Idem, p.14

<sup>5</sup> Idem, p.15

senhor e o escravo. Pontuando, novamente, que não existia outra solução, pois os escravos livres não foram integrados a sociedade, desta forma a servidão era a melhor alternativa:

Quando Luiz Garcia o herdou do seu pai, — não avultou mais o espólio, — deu-lhe logo carta de liberdade. Raimundo, nove anos mais velho que seu senhor, carregava-o ao colo, e amava-o como se fosse seu filho. Vendo-se livre, pareceu-lhe que era um modo de expelir de casa, e sentiu um impulso atrevido e generoso. Fez um gesto para dilacerar a carta de alforria, mas arrependeu-se a tempo. Luiz Garcia viu só a generosidade, não o atrevimento; palpou o afeto do escravo, sentiu-lhe o coração todo. Entre um e outro houve um pacto que para sempre os uniu. (ASSIS, 2013, p.15)

Notamos que o pacto que para sempre os uniu faz referência clara ao tipo de sociedade escravista em que se passa o ocorrido, a carta de alforria não garantiria aos escravos liberdade alguma. Podemos incluir as descrições do ex-escravo a gratidão. Embora, cause desconforto à junção dos vocábulos escravo e feliz era justamente o que se poderia afirmar e por isso o narrador passar tanta naturalidade no cenário vivido por estas personagens.

#### 4. TAREFA COMPLEXA DE NARRAR

O romance em questão baseou-se na adequação social, com direcionamento mais realista do que romântico. E, o narrador passa a representar a voz da sociedade, vislumbramos a representação das camadas social, comportando-se de forma diferenciada em relação a outras narrativas já feitas anteriormente. Ele está no topo das classes social, de lá de cima não lhe escapa nada, seus olhos estão bem atentos, para narrar tudo o que vê de uma forma bem irônica, desvelando ações que não são exaltadas, nem são diminuídas, apenas narradas. Mas, tudo o quanto é dito não há um pingão de inocência:

A originalidade do narrador machadiano consiste em atuar como ator dramático, que assume e finge todo gênero de caracteres, desempenhando diferentes papéis, articulando uma alternância vertiginosa de perspectivas ou máscaras narrativas, modulando vários pontos de vista, sempre recusando a inflexão inercial de se imobilizar na representação doutrinária de um só papel, na adoção monológica de uma visão de mundo pretensamente normativa. (SOUZA, Ronaldo de Melo e. O romance tragicômico de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2006, p. 1).

E, a atitude do narrador é de cirandar em meio às classes, basicamente é aquele que conhece tudo, é capaz de relatar as mais profundas intimidades e sentimentos, até mesmo aqueles bem escondidos, ou seja, seu papel ultrapassa o de apenas narrar, ele retira as máscaras e expõe as figuras singulares que constatamos no romance. Ademais, essa postura é tomada, porque ele precisa nos mostrar a consciência dos personagens, pois é a consciência de cada personagem é assombrada pela voz do narrador, fortalecendo o teor psicológico na trama.

Além disso, o narrador tem como responsabilidade desvendar tudo com uma postura realista, falar exatamente a mesma língua da sociedade, transpor para o leitor o que apenas a ele é visível, visto que ele é capaz de mergulhar no íntimo de cada personagem e trasbordar no texto os sentimentos mais ocultos de cada um, ainda se adere e sobrepõe no corpo textual, a fim de questionar os sentidos dados por ele mesmo. Após isso, ele deixa as personagens justificarem suas atitudes que são apenas consequências dos desarranjos sociais.

Entretanto, o narrador questiona e deixa as personagens se justificarem, isto faz parte de um jogo narrativo que cobra do leitor um julgamento, uma postura diante das ações de cada personagem, porém não a do narrador. Decerto, a postura de narrar dessa forma realista é complexa, além disso, exige uma genialidade que só poderia ser de um narrador machadiano:

joga com as ações e torna tudo o mais natural possível, até mesmo as deformações são apresentadas com neutralidade. A imparcialidade faz parte do jogo e esta atitude é para prevalecer o ponto de vista de quem lê. Então a verdade sempre terá uma face instável e ambígua.

Portanto, o romance *Iaiá Garcia* antecipa o que muitos pensam ter início só em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), podemos ver aqui sintomas do realismo que virá com mais força na próxima obra de Machado de Assis, porém não há como negar o realismo presente em tal narrativa, pois o narrador promoveu a relativização dos valores, denunciou a divisão social, expôs a presença da hierarquia e criticou a prática do poder. Tudo isso dentro do processo histórico da época, fazendo tudo quanto era real tornar-se uma grande paródia. Identificamos aqui o mesmo tipo de narração encontrada mais a frente em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881).

## 5. JORGE E SR ANTUNES: O CONTRASTE SIGNIFICATIVO

Apropriando-se do efeito contrativos notamos que romance é engendrado pelo paralelismo de suas personagens, destacamos em primeiro lugar a oposição entre Jorge, filho de Valéria e o Sr. Antunes, o pai de Estela. Podemos sublinhar esta oposição, pois ela exerce um grau de proximidade muito particular, tendo em vista que os filhos destas personagens fazem parte de um suposto “triângulo amoroso”. Reafirma-se mais ainda a oposição pela busca de cada um, então o que o Sr. Antunes mais deseja é o que Valéria mais repudia: a união entre Estela e Jorge. E, muito bem desenhado os filhos compõem outro par de antônimos: Jorge uma figura romântica, Estela, muito realista o sentimento que lhe rege é o orgulho e o Sr. Antunes é o mais realista possível.

Antes mesmo do leitor se desiludir com a quebra da construção romântica do romance; com Jorge, primariamente, percebemos uma leve decepção, pois falta a este uma chama impulsionadora capaz de elevá-lo a um patamar mais alto, mesmo sendo descrito como o primeiro da lista do grupo de “*dandies*” (“almofadinha”, figura romântica por excelência) notamos que ele não é uma personagem capaz de romper as convenções sociais para concretizar um seu amor. Não é robusto o suficiente, ele compunha uma massa de um homem futuro. (ASSIS, 2013, p.27). Essencialmente lhe faltava vontade máxima.

Não podemos caracterizar Jorge como um herói romântico por excelência, pois ele não possui característica suficiente que possa intitulá-lo como tal porque: “não era profundo; abrangia mais do que penetrava” e “era generoso e bom, mas padecia um pouco de fatuidade, que lhe diminuía a bondade nativa” (ASSIS,2013, p.27). Dessa forma ele é descrito pelo narrador, sendo assim é improvável esperar de Jorge uma atitude altamente romântica, posiciona-se no lugar do herói romântico, no entanto, não possui nenhuma capacidade de ostentar tal título, reafirmamos que é uma desilusão ao ideal romântico.

Para não alimentar este sentimento de que não estamos lidando com o romance convencional, o narrador alimenta a esperança de que Jorge possa preencher o lugar que ele ocupa, uma vez que o rapaz demonstra uma virtude guerreira ao se alistar como voluntário para a Guerra do Paraguai,<sup>6</sup> assim ele conquistaria a estima de Estela. Percebemos que esta atitude corresponde a uma característica genuína de uma narrativa de um amor paixão. Jorge exerce a postura de um herói medievo, inicia a ordem de um amor cortês, dessa forma o amante deveria ter uma atitude heroína. Logo após, esta atitude é neutralizada e nada se

---

<sup>6</sup> A guerra do Paraguai é uma tentativa de trazer à realidade a forma literária, mesmo que faltem mais detalhes sobre a guerra. E quando se dá o patriotismo, ele é desmentido.

efetiva, pois Valéria dar um jeito de casar Estela. Desiludindo Jorge e os leitores familiarizados com as ondulações do romance romântico:

“Ele via já naquilo uma aventura romanesca e misteriosa; sentia-se uma ressurreição de um cavaleiro medievo, saindo a combater por amor de sua dama castelã opulenta e famosa que o esperaria na sua varanda gótica, como a alma nos olhos na ponte levadiça.” (ASSIS, 2013, p. 33).

Pelo outro lado, deparamos com a figura de Sr. Antunes, pai de Estela, este homem era o homem de confiança do defunto marido de Valéria. Ele prestava serviços como escrevente, mas, principalmente, ele era homem de confiança, pois ele apoiava até seus casos amorosos fora do casamento. Sr. Antunes: “[...] nado e criado para funções subalternas” (ASSIS, 2013, p. 33). Sendo esta personagem secundária, recebe assim numa característica mais realista, ao em contraste a Jorge, mesmo que não satisfaça o leitor como herói romântico. No interior do pai de Estela só existia o sentimento da ganância. O materialismo é sua matéria prima.

Existe uma busca, um ideal a ser conquistado pelo pai de Estela, ele almejava o casamento da filha com Jorge: “esta ambição aflagava-a o Sr. Antunes no mais profundo de sua alma” (ASSIS, 2013, p.35). Desejava isto, porque queria acomodar-se a um lugar de prestígio na sociedade paternalista que se encontrava, por este lado, a sua busca não era tão indecente vindo por este ângulo, ainda mais que, os casamentos eram arranjados, e dificilmente por amor. E, se pensarmos no par Estela e Jorge fica mais difícil ainda, já que Estela é o oposto de seu pai, embora não possa dizer que ela não quisesse casar com Jorge.

“O Sr. Antunes, que não era de extremas filosofias, tinha convicções de que debaixo do sol, nem tudo são vaidades, como que o Eclesiastes; nem tudo perfeições, como opina doutor Pangloss; entendida que uma larga ponderação de males e bens, que a arte de viver consiste em tirar o maior bem do mal.” (ASSIS, 2013, p. 34).

Dessa forma a ondulação na apresentação das personagens mostra Jorge na linha romântica, nivelando se a definição de Antunes, uma personagem mais realista, fazendo com que esta obra uma hora prestigia o romance romântico, mesmo que seja uma ruptura da estrutura convencional e hora prestigia o realismo literário. Caracterizando-se como um romance bifronte.

## 6. ESTELA E EULÁLIA: O VERSO E O AVESSE

No enredo percebemos a presença de Eulália, mesmo que muito rapidamente, seu nome significa: aquela que tem facilidade de falar, que se expressa com facilidade. A ironia consta na escolha deste nome, pois é justamente o que a personagem não faz na trama. Já Estela é aquela que emite luz, esperança e traduz a perfeição. Ela realmente faz jus ao significado do seu nome, porém não para si, e sim para os outros. São figuras fortes se aproximam pelo sentimento que têm, mas diferenciam-se pela classe social em que se posicionam.

A personagem Eulália não percorreu mais do que uma página, mas podemos verificar que ela representa o oposto da personagem Estela, mas não no requisito beleza, mas sim por sua classe social. E, é por isso que Valéria não escolhe Estela para se casar com Jorge. A parenta de Valéria seria uma excelente candidata a unir-se em laço matrimonial com seu filho. Pois é o prestígio e o nome da família estava guardado, Segundo Roberto Schwarz (1977) a configuração entre o laço matrimonial e o relacionamento amoroso são coisas opostas, sendo a marca principal desse romance que é uma sutil ruptura dos paradigmas românticos, e ainda evidencia o Realismo presente nesta narrativa, com efeito, representa a situação da sociedade brasileira do século XIX.

Além disso, deparamos com a personagem Estela, aquela que ilumina; a agregada que tinha a taça da gratidão cheia, prefere guardar seus sentimentos, assim como guarda os brincos que recebeu de presente da viúva, mãe de Jorge. Guarda seus sentimentos, pois coagida pelo tipo de relação construída com Valéria (a mesma que Raimundo tinha com seu senhor: um pacto que o faz submeter-se a vontade do “dono da casa”, com isso, ser para sempre grato) só lhe restava à consideração de não quebrar a ordem familiar estabelecida pela matriarca, nota-se que ao tomar esta atitude a moça mostra que respeita a vontade da “dona da casa”, sendo muito grata a mesma.

Valéria tem a companhia de Estela logo depois de tornar-se viúva, quando Estela tinha dezessete anos de idade, por gosto do seu pai, pois ele desejava que a filha obtivesse além da educação e carinho, obtivesse também um dote, um marido e consideração. Esta ambição seu pai tinha no coração. Embora tivesse tal desejo, nem ele e, nem muito menos Valéria esperava que entre os jovens viesse a nascer um sentimento perfeitamente correspondido. Percebendo isto a mãe de Jorge faz o que pode e o que não deveria para separá-los.

Além disso, percebemos que Estela confere a personagem principal desta narrativa, pois é ela quem proporciona o bem-estar de todos e anula o seu, logo mais a frente tem a chance de consumir seu sentimento, de sorte que se torna viúva, mas cede o seu grande amor à Lina Garcia, sua enteada. Poderemos levantar uma hipótese: o título do livro poderia ser Estela, portanto não é assim intitulado, porque a personagem foge a esta natureza, a moça viola seus desejos e, sobretudo é orgulhosa.

Embora num momento anterior já descrevêssemos o narrador presente em Iaiá Garcia, vale ressaltar que ele descreve as ações de forma ambígua e dualista, não seria uma surpresa depararmos com uma descrição dualista a respeito de Estela, então veremos que seu caráter é esboçado de forma dual, no qual alterna entre uma figura romântica em contraste a uma mulher forte que usa a razão para tomar suas decisões:

A imperturbável seriedade de Estela foi um agulhão mais, não menos cruel que a gentileza de suas formas, e certo ar de resolução que lhe transparecia no rosto quieto e pálido. Pálida era, mas sem nenhum tom de melancolia ascética. Tinha os olhos grandes, escuros, com expressão de virilidade moral, que dava á beleza de Estela o principal característico. Uma por uma, as feições da moça eram graciosas e delicadas, mas a impressão que deixava o todo estava longe da meiguice do sexo (ASSIS, 2013, p. 36).

Notemos que Estela é descrita como uma heroína romântica, porém em Iaiá Garcia é permanente a “expectativa desiludida”, onde as possibilidades românticas são neutralizadas. E, as expectativas dela representar uma heroína romântica é desfeita ao passo que seus traços negativos são ressaltados, deixando transparecer a verossimilhança de sua personalidade: “[...] Era orgulhosa, tão orgulhosa que chegava a fazer da inferioridade uma auréola; [...] simples agregada ou protegida, não se julgava com o direito a sonhar outra posição superior e independente; e dado que fosse possível obtê-la, é lícito afirmar que recusara, porque a seus olhos seria um favor, e a sua taça de gratidão estava cheia.” (ASSIS, 2013, p. 39).

Podemos acrescentar que a personagem Estela é uma personagem muito complexa, a ela não cabe qualquer análise rasa, vista apenas na primeira camada; ela possui diversas camadas que devem ser levadas em conta no momento de uma análise detalhada. Em sua caracterização verificamos uma mulher com uma dose acentuada de realismo, são diversos sentimentos que transbordam nesta narrativa: primariamente, o romantismo; e logo afrente o orgulho, o preconceito, a inferioridade de uma agregada, convenções sociais e a moral, assim



fica evidente seu carácter profundo e dualista, que possui uma densidade psicológica, com isto assinalamos uma mulher realista no final do século XIX.

Também, evidenciamos que Roberto Schwarz (1977) considera os últimos quatro romances de Machado de Assis— Ressurreição (1872), A mão e a luva (1874), Helena (1876) e com muito desencanto, em suas palavras, Iaiá Garcia (1878) romances enjoativos e abafados. Pois se prendiam na afirmação enfática da conformidade social, moral, familiar, e, assim deparamos com a personagem Estela em Iaiá Garcia (1878) que Não perturba a ordem familiar já estabelecida, numa sociedade paternalista, onde Estela abre mão de seu sentimento não porque assume uma postura romântica, mas sim por um ato racionalista. Com dissimulação a personagem não decepciona ao que pretende ser eternamente: uma agregada:

No meio de semelhante situação, que sentia ou pensava Estela? Estela amava-o. No instante em que descobriu esse sentimento em si mesma, pareceu-lhe que o futuro se lhe rasgava largo e luminoso; mas foi só nesse instante. Tão depressa descobriu o sentimento, como tratou de o estrangular e dissimular, - trancá-lo ao menos no mais escuso do coração, como se fora uma vergonha ou um pecado (ASSIS,2013, p.39).

Dessa forma, Estela ajusta-se “à ordem estabelecida, de que não podemos discordar do fundamental”<sup>7</sup>. Destacamos ainda em Roberto Schwarz que: “um espaço de memorado e bons sentimentos e tensões, em que os conflitos não se declara jamais, pois declará-los seria desmentir a convencionada bondade geral dos familiares, limite diante do qual os personagens renunciam, sob pena de romperem a regra formal e de escorregarem para um mundo romanesco diverso”. A personagem Estela escapa desse mundo romanesco por submissão às regras paternalistas, das quais ainda faltava Machado de Assis se desiludir, como afirma Roberto Schwarz (1977).

Está visto, portanto, que embora o narrador plante na narrativa a tentativa de Estela ser uma personagem romântica, não poderemos atribuir a ela nenhum aspecto romântico, por mais que amasse Jorge, ela sentia-se inferior a ele; e com orgulho “fez somente calar o coração, infundiu a confiança moral necessária para viver tranquila no centro mesmo em perigo” de entrar no mundo romanesco, restando apenas os sentimentos de “frio respeito e fria

---

<sup>7</sup> Schwarz, Roberto, ao vencedor as batatas, 1977, p.89.

dignidade”<sup>8</sup>. Tinha a personagem à alma acima do destino diferente de personagens puramente românticas que estão confinadas aos seus destinos.

### 6.1. ESTELA: DIÓGENES FEMININO

Por possuir uma personalidade bem complexa, a Estela cabe mais algumas considerações, já que deparamos ainda com mais definições. Inclui-se a comparação feita entre a personagem e o Diógenes, um filósofo grego de Siracusa (413-327 a.C.). Numa visão bem simplista podemos destacar que é comparada a este filósofo, porque “[...] rejeita de si toda a sorte de quaisquer ornatos” (ASSIS, 2013, p.37) ela desprezava as riquezas artificiais, dando importância apenas o que fosse natural. Mas se analisarmos profundamente, a comparação é equivalente ao que diz a respeito à personagem. Existe uma ironia incumbida a esta definição.

Então cabe explicar, mesmo que brevemente, que Diógenes pertencia à escola cinismo da filosofia Helenística que buscou fundamentar certo modo de viver, além do cinismo, pertenciam também as escolas do ceticismo, epicurismo e o estoicismo. Diriam que é preciso viver de acordo com a natureza, pois somente ela determina o útil e o nocivo, assim todas buscavam estabelecer um conjunto de preceitos racionais que levassem o ser humano a felicidade e ao bem estar. Diógenes era seguidor de Antístenes, outro filósofo que ignorava certas convenções sociais, ele se interessava na análise da linguagem, alimentou-se de uma filosofia realista e pragmática.

Portanto, notamos que ao comparar Estela a Diógenes o narrador age com ironia, pois além do filósofo cínico não só desprezar as riquezas artificiais, mas também ignorava certas convenções sociais e ao ignorar certas convenções sociais ele diferencia-se da personagem Estela, em virtude de não perturbar a ordem social já estabelecida, com isso, podemos entender que embora rejeitasse as convenções sociais os personagens agem conforme os fatores externos. Eles são o reflexo da sociedade, sendo assim, não restaria outra forma de comportar-se já que refletem as figuras reais que existem fora da ficção. Como assinala Antônio Cândido:

[...] O tipo de realismo que procura explicar cientificamente a conduta e o modo de ser dos personagens por meio de fatores externos, de natureza biológica e sociológica, que condicionam a vida humana. Os seres aparecem, então, como

---

<sup>8</sup> Os termos entre parênteses referem-se ao livro Machado de Assis, Iaiá Garcia, 3.ed, São Paulo: Martin Claret, 2013. p. 39

produtos como consequência de forças preexistentes, que limitam a sua responsabilidade e os tornam, nos casos extremos, verdadeiros joguetes das condições. (CÂNDIDO, 1994, p. 286).

Consequentemente, podemos inferir o grande teor psicológico conferido a Estela e esta característica é vencida pelas convenções sociais patriarcais. Sua postura causa uma ruptura à estrutura romanesca, desiludindo aos leitores que esperam este amor se concretizar. O narrador afirma que o sentimento de inferioridade a era como uma glória capaz de lhe promover força, este sentimento era como um escudo de diamante que não deixava Estela ser vencida pelo amor, assim como o do anjo de Tasso, que defendia as cidades castas e santas. (ASSIS, 2013, p.39). A Trajetória da personagem retrata a condição feminina da época representada na trama se desvencilhando do sentimentalismo e a artificialidade das relações amorosas, evidenciando a matéria do real:

O realismo procura a verdade. Esse tratamento verdadeiro material, essa verossimilhança no arranjo dos fatos selecionados, unidos, apontando uma direção, é essencial, e se traduz também no uso da emoção, que deve fugir ao sentimentalismo ou a artificialidade. Essa qualidade ainda aparece no modo de apresentar as partes: realismo não submete a uma visão demasiado ordenada da vida, o que lhe parece artificial, pois a vida tem ritmo irregular. (CANDIDO, 1994, p.286).

Em suma, Estela casa-se com Luís Garcia por estima, e também por acharem friamente um digno do outro: “creio que nenhuma paixão nos cega, e se casarmos é por nos julgarmos friamente dignos um do outro”<sup>9</sup>. Um laço matrimonial que não a humilhasse socialmente. Concordam entre si que o amor para eles é inverossímil, então assim foi feita a vontade de Valéria, que ficou com a consciência tranquila, desagradou seu pai que esperava um dote e por último faltará Jorge receber a desesperança de não ter conseguido a sua estima indo para guerra e notoriamente o leitor romântico já se encontra decepcionado.

---

<sup>9</sup> Idem, p. 71

## 7. VALÉRIA: PERSONAGEM MATRIARCAL

Em conformidade com o teor realista conferido a personagem Estela, encontramos também Valéria Gomes; esta personagem apresenta características que conversa com o que é criticado no presente romance: o paternalismo real em suas diversas faces. Valéria é uma mulher que consegue o que quer, manipulando os homens a sua volta, mesmo pertencendo a uma sociedade patriarcal. Assume uma postura matriarcal, logo após a sua viuvez. Verificamos que possuía autoridade suficiente para cobrar até mesmo os favores que alguém viera a dever a sua família, como o caso de Luís Garcia, que pagaria um favor que seu pai devia ao marido falecido de Valéria.

Dessa forma, ao iniciar a leitura o leitor depara com a primeira demonstração dos costumes paternalista, a troca de favores. Evidenciando os costumes e valores da vida contemporânea, neste caso a cidade do Rio de Janeiro do final do século XIX e o início do XX. A viúva pede Luís Garcia para ajuda-la convencer seu filho Jorge alistar-se como voluntário, para servir a pátria na guerra do Paraguai, alega não se trata do que eles possam sentir: “trata-se de coisa mais grave, da pátria, que está acima de nós” (ASSIS, 2013, p.23). Assim afirmou Valéria, quando precisou dar outra desculpa, disse que entrava em no projeto um pouco de interesse pessoal.

Porém, a mãe de Jorge não esclareceu que desejava impedir um amor que não era digno do nome de seu filho, desejava combater um amor com as circunstâncias e com o tempo, pois acreditava não ter criado raízes profundas. A viúva tinha convicção do amor correspondido entre Jorge e Estela, a agregada, que não tinha status sociais suficientes para casar-se com seu filho, embora merecesse um bom casamento. Em um momento anterior, Valéria nota que entre os dois crescia um sentimento: “Valéria reparou na atitude dos dois; mas como possuía a qualidade de dissimular as impressões, não alterou nem o gesto nem a voz.” “Os olhos é que nunca mais os deixaram.” (ASSIS, 2013, p. 43). Assim fez o que pode para que este amor não criasse raízes profundas.

E, como tinha certeza deste sentimento recíproco, fez o que pode para que ele não vingue, para isto, tenta convencer seu filho a casar-se por conveniência com Eulália, uma parenta, cheia de atributos favoráveis: “Uma pérola! — Dizia Valéria quando insistiu ao filho a conveniência de casar com Eulália” Cabe ressaltar, que, a atitude de Valéria não se trata de uma artimanha de uma vilã das narrativas comumente românticas, suas atitudes são guiadas pelo valor material. Ressaltando, assim, a face do paternalismo e, ainda praticado por uma figura feminina como assinala Roberto Schwarz:

Valéria queria impedir a entrada em sua casa dessa moça, que, aliás, é das mais estimáveis e merece um excelente marido na própria opinião da viúva. Em suma, esta última em matéria de desplante vai longe, improvisando segundo as necessidades do momento, e sem temer a viravoltas bruscas, nas quais se manifestam justamente o aspecto discricionário, a impunidade tranquila da autoridade paternalista, que no caso tem a cobertura suplementar da “feminidade.” (SCHWARZ Roberto, 1977, p.170)

Logo após conseguir mandar o filho para guerra, a viúva dá um jeito de casar Estela, pois temia que eles se reaproximassem, e ao mesmo tempo sentia a obrigação moral de arranjar um bom casamento para a moça. Então Valéria convence Luís Garcia dizendo: “Há duas pessoas de quem eu gosto muito, ela e o senhor, ambas dignas uma da outra; eu entendi que as devia casar, e hei de casá-las.” (ASSIS, 2013, p.68). A dignidade estava em ser conveniente tanto para as regras sociais, tanto para o objetivo da persuasiva Valéria, que não estava só nesta tarefa, de modo que Iaiá Garcia, filha de Luís Garcia ajudou-a, pois despertava o carinho de Estela por ela. O narrador descreve a cena de forma que podemos ver nascer uma relação de mãe e filha, porque Estela mostra total cuidado para com a menina:

“[...] Iaiá dava a Estela um porção de ternura de filha, Estela achava no amor da menina uma antecipação dos prazeres da maternidade” (ASSIS, 2013, p.71).

Em síntese, podemos notar que a formulação da personagem Valéria está inteiramente ligada às práticas paternalistas; ela é uma representante da sociedade burguesa, que age conforme as tendências materialistas. Nota-se que suas ações são regidas pelos seus próprios interesses, revelando a característica individualista, que é particular dos personagens materialistas, como por exemplo, a personagem Sr. Antunes, que desejava ver sua filha casada com Jorge, apenas pelo dote que poderia herdar, esquecendo-se da filha, e pensando no que poderia ganhar com um enlace matrimonial vantajoso. Como resultado, dão-se figuras que exprimem os contornos da sociedade brasileira do final do século XIX.

## 8. LINA GARCIA

Lina Garcia seu nome doméstico era Iaiá Garcia, sendo ela uma criança quando se dá o início desta narrativa a menina tinha onze anos. “Esta era Iaiá Garcia. Era alta, delgada, travessa; possuía os movimentos súbitos e incoerentes da andorinha. A boca desabrochava facilmente em riso, - um riso que ainda não toldavam as dissimulações da vida, nem ensurdeciam as ironias de outra idade.”<sup>10</sup> Cabe ressaltar, que o advérbio de tempo “ainda” indica que esta doçura infantil, está com dias contados para acabar, além de o advérbio indicar que mais afrente a menina possuirá outra característica. Destaca-se também a importância de seus olhos (ASSIS, 2013, p.16 e p. 17):

[...] beijava-a outra vez, mas então nos cabelos e nos olhos—os olhos, que eram claros e filtravam uma luz insinuante e curiosa.

E

Raimundo olhava para ela, bebendo a felicidade que se lhe entornava dos olhos, como um jorro de água pura.

Os olhos são compreendidos como o espelho da alma, segundo Leonardo da Vinci: não vêes que o olho abraça a beleza do mundo inteiro? É a janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento. Inegavelmente, os olhos tem importância na descrição da personagem, pois Machado de Assis metaforiza os olhos e os olhares, ambos refletem o exterior dos personagens, dando-nos a possibilidade de sondar a alma, neste caso em específico, ao receber do pai um piano de presente a menina percebeu o sacrifício feito pelo pai em lhe dar um presente tão caro, a menina muda mudar repentinamente de humor, e, é através de seu olhar que é notada esta mudança: “os olhos de Iaiá não ficaram mais alegres, nem ela foi tão travessa como costumava ser”.

[...] Iaiá viu o piano, que o pai lhe foi mostrar, sua alegria foi intensa, mas curta... Entre duas notas, Iaiá parou, olhou para o pai, para o piano, para os outros móveis; depois descaiu-lhe o rosto... Lembrava-se ela, (...), das palavras que proferira e do gesto que fizera, (...); por ela explicou a existência do piano; comparou-o, tão novo e lustroso, com os outros móveis da casa, modestos, usados, encardida a palhinha das cadeiras, roído do tempo e dos pés um velho tapete, contemporâneo do sofá. Dessa comparação extraiu a ideia do sacrifício que o pai devia ter feito para condescender

---

<sup>10</sup> Idem, p. 16

com ela ideia que a pôs triste, ainda que não por muito tempo, como sucede as tristezas pueris (ASSIS, 2013, p.19).

Nota-se ainda, que nesta passagem a menina sofre por ter consciência do sacrifício feito pelo pai, e, ela sente uma espécie tristeza, que está relacionada à moral, uns dos pontos que circundam e narrativa analisada como um todo; percebemos que a Lina está passando pela transição, deixará de ser uma criança em poucos tempos. O narrador expressa esta mudança como um desvirginamento espiritual, de modo que seu espírito dela ainda fosse tomado pela jurisdição da fortuna, como se a cada manhã deixasse as características infantis: “A causa da mudança, desconhecida para Luís Garcia, era a penetração que madrugava no espírito da menina.” [...] “A penetração madrugava, mas a dor moral fazia também irrupção naquela alma até agora isenta da jurisdição da fortuna.” (ASSIS, 2013, p.19).

Porém, mais a frente sua personalidade ganhará a cor das personagens femininas desta narrativa, e, todas as suas ações serão em baseadas na dissimulação e na vertente da moralidade. Posteriormente, Estela casa-se com o pai de Lina Garcia e entre elas cria-se um laço de amor, mesmo que exista um jogo de contrastes entre elas como assim assinala o narrador: “A lei dos contrastes tinha ligado essas duas criaturas, porque tão petulante e juvenil era a filha de Luís Garcia, como refletida e plácida a filha do Sr. Antunes. Uma ia para o futuro, enquanto a outra vinha já do passado; e se Estela tinha necessidade de temperar a sua atmosfera moral com um raio da adolescência da outra, Iaiá sentia instintivamente que havia em Estela alguma coisa que sarar ou consolar.” (ASSIS, 2013, p.65).

E, depois de quatro anos o amor negado de Estela, Jorge, volta da guerra do Paraguai e se decepiona ao ver Estela casada com o pai de Lina Garcia, mas mesmo assim passa a frequentar a casa dos Garcias, de forma que tinha amizade com Luís Garcia e, ainda mais, depois de Luís Garcia adoecer. O senhor Garcia tinha consciência de que iria morrer, e pede um favor a Jorge que ele seja o tutor moral da filha e da mulher. Com isso nota-se o narrador apontando mais um comportamento da sociedade patriarcal: as mulheres precisavam de um tutor, para lhes oferecer moral.

Dito isto, fica evidente que o segredo de Estela não ficaria escondido por muito tempo, pois Lina possuía uma qualidade mestra. “A sagacidade da menina era a sua qualidade mestra, e graças aos dous olhos que Deus lhe deu, foi que ela viu depressa o que era menos agradável, para evitá-lo, e o que era mais, para cumpri-lo. Essa qualidade ensinava-lhe a sintaxe da vida, quando outras ainda não passam do abecedário, onde morrem muita vez.”

(ASSIS, 1878 p.36). Esta qualidade já fora dita anteriormente pelo narrador, no momento em que a moça conseguiu enxergar rapidamente o caráter de Valéria, não diferente, ela enxergaria o de Estela brevemente também.

Entre os papéis de Luís Garcia encontra uma carta de Jorge, onde conta sobre seu amor secreto, então ele pede que sua esposa leia. Neste exato momento a enteada observa todas as suas ações e com a capacidade de dissimular, não expressa nenhuma atitude, embora desconfie das atitudes da madrasta. Decerto, Iaiá Garcia não iria tirar os olhos da madrasta, e “Iaiá olhou a principio com sagacidade, depois com espanto, até que os seus olhos luziram de sagacidade e penetração” (ASSIS, 2013, p.104).

Era um olhar intenso, aquilino, profundo, que palpava o coração da outra, ouvia o sangue correr-lhe nas veias e penetrava no cérebro salteado de pensamentos vagos, turvos, sem ligação. Iaiá adivinhou o passado de Estela; mas adivinhou demais. Galgou a realidade até cair no possível. Supôs um vínculo anterior ao casamento, roto contra a vontade de ambos, talvez persistente, mau grado aos tempos e às cousas. Tudo isso viu uma simples inocência de dezessete anos. Seu pensamento cristalino e virginal, nunca embaciado pela experiência, ignorava até as primeiras cismas de donzela. Não tinha ideia do mal; não conhecia as vicissitudes do coração. Jardim fechado, como a esposa do Cântico, viu subitamente rasgar-se-lhe uma porta, e esses dez minutos foram a sua puberdade moral. A criança acabara: principiava a mulher. A impressão foi tão profunda, que apesar da força de resistência que havia em sua organização. (ASSIS, 2013, p.104).

Lina Garcia assume agora as características das personagens femininas desta narrativa, uma vez que, ao saber do amor correspondido entre Jorge e Estela, supõe que ambos estão traindo seu pai, age com muita dissimulação, para impedir que a moral da família seja desfeita e que seu pai sofra com esta decepção, já que seu pai tinha muito respeito por sua esposa. Além disso, o narrador afirma: “viu subitamente rasgar-se-lhe uma porta, e esses dez minutos foram a sua puberdade moral” (ASSIS, 2013, p.189) a partir desse momento a menina apresentada no início não existe mais. E ela será mais um empecilho, no olhar do leitor de uma narrativa romântica.

A afeição de Iaiá Garcia por Valéria, não é à toa, pois ambas têm o papel de minguar o amor intruso de Jorge e Estela, um amor que vai contra a moral, e estabiliza a ordem comum das coisas e, por isso deve ser combatido. A esperança de que este amor concretize só aumenta ao decorrer da narrativa, na cabeça do leitor interessado nas estruturas



exclusivamente românticas. Por ter este objetivo, o laço de mãe e filha construído entre a enteada e a madrasta é desfeito, e o que se constrói é uma relação de rivalidade.

— Iaiá, disse Estela em tom seco, tu amas, tu confessas que amas a alguém; quero que me digas o nome desse homem, ouves? Exijo sabê-lo para avaliar o que te convém. Sabes que tenho autoridade de mãe.

Iaiá sentiu ferver-lhe o sangue nas veias.

— Minha mãe morreu, redarguiu com igual sequidão; estou pronta a obedecer a meu pai. (ASSIS, 1878, p.88)

E

“Suspeitou a rivalidade da outra, e não foi preciso mais para que o grito de rebelião fizesse estremecer aquela alma solitária e virgem.” [...] ora, no meio desse duelo, já doloroso, embora ainda curto, ouviu Estela a última palavra da enteada, comentário da que lhe escapara na agitação do pesadelo. Saiu dali aterrada, tateando as sombras, e desviando os olhos quando algum clarão de realidade se lhe acendia ao longe. Não podia crer na rivalidade consciente e declarada de Iaiá; era inverossímil, seria a sua própria vergonha e condenação. Mas as palavras retiniam-lhe ao ouvido, e o gesto frio e duro da enteada parecia clarear o que havia obscuro nelas. (ASSIS, 1878, p.88)

Como afirma Roberto Schwarz (1977) Estela teve força o suficiente para abafar o amor, mas não foi o suficiente para abafar o ciúme, ela não cede a Jorge, mas tem ciúmes de Iaiá, e é obrigada a constatar que renúncia e firmeza nem sempre têm prêmio nem trazem paz de espírito. Mesmo seu marido morrendo não seria possível concretizar este amor impossível, a morte de Luís Garcia, definitivamente pode-se dizer que foi mais uma complicação que Machado deu à narrativa. E, principalmente, a desilusão, pois esta oportunidade de unir Estela e Jorge é neutralizada pela dissimulada Iaiá Garcia.

Logo após a este episódio, houve uma mudança no relacionamento das personagens Lina e Estela. Lina com a capacidade de atuar pede desculpas pela sua atitude, [...] “cedeu a um nobre impulso de submissão” (ASSIS, 1878, p.90) E, entre elas houve uma trégua, e ainda mais, houve um acordo inconsciente de não perturbar a ordem familiar, ou seja, Estela colocar-se-ia no seu lugar dentro lar, e Lina ficaria livre para casar com Jorge assim, o casamento de ambas estava salvo, graças a Estela que anula seu querer pelo bem estar de todas as personagens a sua volta: a estrela que ilumina o caminho de todos.

Mais a frente, quando Iaiá voltou à casa de Maria das Dores a jovem, põe-se a observar o horizonte e chega a uma verdade, que é desfeita logo em seguida, afirma para si

que nenhum coração ficará entre ela e o seu pai. Noutras palavras ela imagina não sentir outro amor que não seja o que sente pelo pai. Ao contemplar o horizonte ver Jorge passar bem na hora e o chama, a jovem mente para Maria das Dores dizendo: “É meu noivo, que vem vê-la. Quero que o conheça e não diga a ninguém, ouviu?” (ASSIS, 1878, p.91). Assim ganharia mais tempo para sondar as atitudes de Jorge.

Enquanto Iaiá embarcava em um sentimento estranho, que não sabia ao certo do que se trata Jorge com o pessimismo característico de Machado de Assis no que se trata de relacionamentos amorosos em Iaiá Garcia, por conta do impulso realista que segue esta narrativa, então “eles” (o autor dá voz ao personagem do que realmente deseja expor no romance) “dizem” a jovem que: “Não, acudiu Jorge, não é loucura, é sabedoria, é a grande sabedoria da natureza. Isso que sente, não será amor; mas é a necessidade de amar; é o rebate que lhe dá o coração. Alguém virá um dia, e a voz anônima que a senhora costuma ouvir, lhe falará então pela boca do homem que o coração lhe apontar.” (ASSIS, 1878, p.93)

Se antes o leitor ficou decepcionado com Jorge, por não possuir um tipo heroico romântico, agora será o fim deste perfil, e o desfecho será mais complicado para os apegados aos romances tradicionais. Lina pede um conelho e Jorge a responde:

— Dou-lhe um, disse Jorge depois de curta pausa; resista um pouco a essas sensações, cujo excesso pode perturbar-lhe a existência. Não é só o coração que lhe fala, é também a imaginação, e a imaginação, se é boa amiga, tem seus dias de infidelidade. Dê um pouco de poesia à vida, mas não caia no romanesco; o romanesco é pérfido. Eu, que lhe falo, lastimo não ter já essa ordem de sentimentos em flor, e, contudo, não sei se ganharia com eles.

— Quê! não seria capaz de amar?

— Meu coração não envelheceu ainda.

— Entendo; amaria hoje de outro modo...

— De outro modo, e tão sinceramente como dantes; um amor de olhos abertos. (ASSIS, 1878, p.93)

Jorge sentiu-se tocado pelos sentimentos de Lina Garcia e sentia nela o sentimento que não poderia retribuir, mas o frescor da juventude lhe atraiu de forma inesperada. A satisfação de ser amado lhe fez bem, mas “Ao mesmo tempo, buscava temperar-lhe o romanesco com uma forte dose de realidade”. (ASSIS, 1878,p.97) Ele demorou a perceber que a moça o amava, questionou-se por muitos dias e pensou em tudo, menos em Estela. Neste momento

Jorge e Estela o par que não existe mais tudo está na linha do tempo, no exato espaço do passado, como assinalou o narrador, Estela no passado e Lina no futuro.

Assim que seu pai morre, Iaiá Garcia consegue realizar tudo o que queria, mesmo que através da força, sentia-se feliz, da mesma forma, sua madrasta lutou com força para evitar o que queria, mas moralmente sentia-se feliz. Ambas, movidas pelo teor moralista. Lina Garcia com seus jogos psicológicos conseguiu alcançar seus objetivos como se estivesse em uma guerra, também porque ela era digna de um casamento honrado, pois correspondia aos padrões sociais: “Esta achou no casamento a felicidade sem contraste. A sociedade não lhe negou carinhos e respeitos. Se antes de casar, possuía o abecedário da elegância, depressa aprendeu a prosódia e a sintaxe; afez-se a todos os requintes da urbanidade, com a presteza de um espírito sagaz e penetrante. Nenhuma nuvem do passado veio sombrear a fronte de um ou de outro; ninguém se interpunha entre eles” (ASSIS, 1878, p.125).

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho abordou-se o realismo presente no romance Iaiá Garcia de Machado de Assis, percebeu-se que desde as primeiras páginas do romance o realismo é presente e se dá de forma abundante, onde o autor assume uma posição que lhe permite uma melhor circulação entre o romance e o realismo como afirma Roberto Schwarz (1977). Esta liberdade dá ao romance uma inovação estética diferenciada, ao passo que os personagens obedecem as regras da sociedade paternalista do século XIX. Machado de Assis não deixa passar nenhum aspecto desta sociedade: expondo a divisão de classes, a relação de agregados e senhores, as trocas de favores, a relação escravocrata no Brasil, moralidade e o casamento por interesses.

Percebeu-se que as atitudes tomadas pelas personagens diante dos conflitos do enredo seguem um contrato ficcional proposto pelo autor, elas devem se ajustar forçosamente as regras já estabelecidas neste contrato, sem perturbar a ordem preestabelecida, para que não caiam no mundo romanescos. Como por exemplo, o caso da personagem Estela, uma agregada, que anula o que sente por sentir-se inferior, mesmo sendo um amor correspondido ela não cai no romanescos e matem-se fiel a ordem estabelecida, ou mesmo Jorge que desejava temperar o sentimento de Iaiá Garcia com realismo.

Também se percebeu que a estrutura romanescos é desconstruída de forma irônica, ao passo que os conflitos dramáticos vividos por cada personagem acontecem a partir das emoções contraditórias destes. Este fato só ressalta que o romance não tem compromisso com a estrutura purista dos romances convencionais, os padrões não se dinamizam e também não se efetivam, causando uma ondulação permanente em toda a estrutura. Evidentemente, causa a desilusão dos que esperam os seguimentos os conflitos e as intrigas comuns das narrativas românticas.

Com a vasta literatura observada, podemos comprovar com as leituras que as personagens têm um papel fundamental na representatividade do realismo, já que são reflexos dos tipos sociais observados pelo autor. E, elas foram o corpo de análise deste trabalho, e ao observá-las conseguimos obter o objetivo principal, que é expor o diferencial desse romance machadiano, como já foi dito, a ruptura na estrutura tradicional do romance.

Este trabalho foi muito importante para a compreensão do trabalho ficcional de machado de Assis, que nos trouxe o significado histórico para a literatura brasileira capaz de expor problemas que em sua maioria são atuais ainda, infelizmente. Em suma, verifica-se que

Iaiá Garcia faz-nos entender o funcionamento social pelo olhar sensível de um autor que sente e pensa simultaneamente. Inegavelmente, não podemos desprezar o conteúdo extraordinário que Machado de Assis consentiu a nossa literatura. Seu conteúdo vasto não cessa a possibilidade de análise, não é justo afirmar que se trata de uma conclusão, mas sim de uma consideração final, pois este romance está passível a outras análises.

## 10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, Afrânio, **correntes cruzadas**. Rio de Janeiro: A noite, 1953.

MACHADO, Assis de, **Iaiá Garcia**. 3.ed. São Paulo: Martin Claret, 2013. 206 p. (Coleção a obra-prima do autor)

MACHADO, Assis de, **Yayá Garcia**. Rio de Janeiro: Typographia do Cruzeiro, 1878. 339 p. (Biblioteca do Cruzeiro).

MACHADO, Rodrigo Correia Martins; SILVA, Thaís Fernanda da, **Iaiá, Valéria e Estela: as personagens femininas em Iaiá Garcia, de Machado de Assis**. Revista de Artes e Humanidades, Minas Gerais, nº 10, p. 1-18, maio 2012.

NUNES, Benedito, A clave do poético. Organização e apresentação Vitor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras 2009.

OLIVEIRA, Maria do Socorro Fonseca de Artigo, **Romance, propriedade e liberdade em Iaiá Garcia, de Machado de Assis**. Revista TEL, Tempo, Espaço, Linguagem. v.6, n 1, já-2015 pp. 101-115.

RONCARI, Luiz. **Literatura Brasileira: Dos Primeiros Cronistas aos Últimos Românticos**. São Paulo: Edusp, 1995.

ROSENFELD, Anatol, **O teatro épico**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006 184p.

SCHWARZ, Roberto, 1938, **ao vencedor batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas cidades; Editora. 34, 2012, 237 p. (Coleção espírito crítico).

SOUZA, Ronaldes de Melo e, **O romance tragicômico de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Editora EDUERJ, 2006 192 p.